



Eixo 1 – Não deixar ninguém para trás

Biblioteca escolar: acesso além da leitura

School Library: access beyond reading

Thays Cristina Pereira de Oliveira Farias – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG) – thayscristinafarias@gmail.com

Caio Henrique Bernardo de Souza – Universidade Federal de Goiás (UFG) – caiokyn@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem como objetivo geral refletir sobre o papel da biblioteca escolar na garantia do direito à leitura, à cultura e à educação. Adota abordagem qualitativa exploratória, articulando relato de experiência profissional e pesquisa bibliográfica. Fundamenta-se em referenciais teóricos que compreendem a leitura como prática social e a biblioteca como espaço formativo e democrático. A experiência com livros imagéticos evidenciou que diferentes formas de leitura ampliam a compreensão dos estudantes sobre o papel da biblioteca. Conclui-se destacando o distanciamento entre o previsto na Lei 14.837/2024 e sua efetivação nas escolas públicas brasileiras.

Palavras-chave: Biblioteca Escolar. Leitura. Lei 14.837/2024. Letramento.

Abstract: This work aims to reflect on the role of the school library in guaranteeing the right to reading, culture, and education. It adopts an exploratory qualitative approach, articulating a report of professional experience and bibliographic research. It is based on theoretical frameworks that understand reading as a social practice and the library as a formative and democratic space. The experience with picture books showed that different forms of reading broaden students' understanding of the role of the library. It concludes by highlighting the gap between what is foreseen in Law 14.837/2024 and its implementation in Brazilian public schools.

Keywords: School Library. Reading. Law 14.837/2024. Literacy.

1 INTRODUÇÃO



Este texto é composto por uma série de memórias e lembranças que carregamos ao longo de toda nossa trajetória profissional. Compartilhar, contar, recontar e apresentar novas histórias faz parte da nossa rotina profissional, mas vivê-las e ressignificá-las junto à comunidade científica nos capacita a traduzir e transferir nosso conhecimento, antes puramente empírico em ciência.

As histórias pessoais de leitura, tanto registradas em uma entrevista oral, quanto escritas pelo próprio indivíduo, são uma fonte preciosa para compreender os mecanismos e as mediações que permitem a entrada na prática leitora (Chartier, 2022, p. 36).

Edimilson¹ foi uma das crianças que conheci nesta jornada atuando como bibliotecária escolar em uma região periférica de Aparecida de Goiânia, município da região metropolitana de Goiânia, capital do Estado de Goiás.

Edimilson, era um menino preto, simples e forte como seu nome já predizia. Nos encontros semanais de sua turma na biblioteca Edimilson se apresentava sempre disperso. Não esboçava reações durante as atividades e não era um usuário frequente da biblioteca nos momentos do recreio. Suas atitudes eram sempre colocadas em pauta nas reuniões de conselho de classe, suas dificuldades na aprendizagem e seu comportamento eram assuntos sempre pontuados.

Um dia ao ser punido e ficar sem recreio, Edimilson foi até a biblioteca. Eu o recebi como faço com todas as crianças e perguntei se ele queria ler algo. A resposta curta e grossa foi:

— Tia, eu não sei ler!

Aquela frase ecoou como um diagnóstico dito por um especialista, e que se tinha algo que Edimilson sabia é: que ele não sabia ler.

Eu vi naquele momento uma oportunidade pois acredito que as bibliotecas não são espaços exclusivos para quem sabe ler, mas um local de acesso livre aqueles que querem conhecer e aprender. Conhecer novos lugares, novas histórias e quem sabe construir novas realidades. Eu disse:

— Edimilson, vou te apresentar um livro que você não precisa saber ler para entender.

Ele sorriu com desconfiança.

¹ Edimilson é um nome fictício usado para garantir o anonimato do estudante.



Fui até a prateleira dos livros imagem e apresentei a Edimilson livros com personagens que ele pudesse reconhecer, histórias que de certa maneira fariam sentido para ele.

No primeiro dia eu contei toda a história do livro lido. Sempre fazendo perguntas sobre o que ele via naquelas imagens e construindo de maneira colaborativa com aquele estudante um texto verbal. O tempo do recreio passou rapidamente. Edimilson voltou para sala e eu guardei o material.

No outro dia, uma surpresa. Mesmo sem estar suspenso do recreio ele apareceu e disse:

— Tia, me ajuda com aquele livro de novo?

Recriamos a história e por dias brincamos com as palavras de um texto que imaginamos juntos.

Nos próximos dias Edimilson já se sentia mais seguro. Os personagens já tinham nomes, algumas ruas também e até ousava imaginar cidades e cenários. Em alguns momentos o tímido menino se posicionou como autor de suas próprias histórias e convidava alguns colegas para ouvi-lo ler. Isso virou rotina, ele vasculhou todo nosso acervo de livros imagem e para cada um deles já existia uma história do repertório de Edimilson.

Após este episódio de inserção de Edimilson ao ambiente da biblioteca, eu refleti sobre tantas coisas e uma delas foi sobre como o Edimilson se sentiu acolhido neste lugar. Aquele espaço onde ele acreditava que só poderia frequentar leitores fluentes, começou a fazer sentido para sua vida. Ele percebeu que o que ele sabia era muito mais valioso do que aquilo que ele ainda não tinha aprendido.

“A leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo.” (Freire, 2011, p. 17) e talvez o Edimilson, hoje já um adulto, ainda não saiba que foi Paulo Freire quem disse esta célebre frase. A verdade é que Edimilson foi capaz de me ensinar a ler um mundo de coragem e força de vontade e isso eu nunca vou me esquecer.

Nesse sentido, este trabalho problematiza a seguinte questão: qual o papel da biblioteca escolar enquanto um espaço de democratização e acesso ao saber na formação de novos leitores? A defesa da biblioteca escolar fundamenta-se em seu papel social e educativo, uma vez que a escola, em articulação com esta, constitui uma ponte



entre os estudantes e os bens culturais produzidos pela humanidade, ampliando as oportunidades de aprendizagem, leitura e formação cidadã.

2 METODOLOGIA

Este trabalho adota uma abordagem qualitativa de natureza exploratória, articulando duas estratégias metodológicas complementares: o relato de experiência profissional e a pesquisa bibliográfica.

A pesquisa qualitativa exploratória busca proporcionar maior familiaridade com o problema investigado, tornando-o mais explícito ou construindo hipóteses a seu respeito (Gil, 2002). Essa abordagem mostra-se adequada ao presente estudo, que parte de uma experiência singular vivenciada em contexto escolar periférico para problematizar questões mais amplas relativas ao letramento, à alfabetização e ao acesso à cultura. O relato de experiência ancora-se nas vivências como bibliotecários escolares e tem como ponto de partida a memória narrativa de práticas de mediação leitora. A opção pelo relato como estratégia metodológica fundamenta-se na compreensão de que a experiência empírica, quando sistematizada e confrontada com o referencial teórico, constitui produção legítima de conhecimento científico no campo da Biblioteconomia e da Educação.

A pesquisa bibliográfica foi conduzida a partir de levantamento de obras e documentos que subsidiam a discussão sobre letramento, alfabetização e biblioteca escolar. As fontes consultadas incluem produções de autores de referência nas áreas de práticas leitoras e cultura escrita, como Roger Chartier (1998; 2019; 2022), Magda Soares (2020), Bernadete Campello (2024) e Paulo Freire (2011); além de documentos normativos e institucionais, entre eles a Lei nº 14.837 de 08 de abril de 2024, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas (Brasil, 2024); o Manifesto da Biblioteca Escolar da Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA) de 2025 e a pesquisa Retratos de Leitura no Brasil, produzida pelo Instituto Pro-Livro (IPL) em 2024 (IFLA, 2025; IPL, 2024). A articulação entre o relato vivenciado e o referencial teórico-normativo orienta a análise e fundamenta as reflexões apresentadas ao longo do texto.

3 BIBLIOTECA ESCOLAR COMO ESPAÇO EDUCATIVO



Os espaços de leitura têm sido amplamente estudados, especialmente na Biblioteconomia, em razão das transformações ocorridas nos suportes de leitura ao longo da história. Das inscrições em cavernas e tábuas de argila aos livros impressos e digitais, a cultura escrita passou por contínuas mudanças nas formas de registrar e difundir o conhecimento. Compreender essa trajetória histórica é essencial para refletir sobre as práticas e os espaços de leitura na contemporaneidade.

A evolução, e porque não dizer da revolução, vivida pela cultura escrita e seus suportes, possibilita hoje ao leitor múltiplas escolhas de como, onde e o que ele quer ler. “Todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler” (Chartier, 1998, p. 13).

Para debater sobre este tema apresentamos os resultados da pesquisa Retratos de Leitura do Brasil de 2024 (IPL, 2024). Nesta edição os resultados apontam para um cenário desfavorável a respeito das práticas de leitura em nosso país, sendo que, pela primeira vez, o número de cidadãos não leitores superou o número de leitores.

É importante ressaltar que os parâmetros da pesquisa consideram leitor a pessoa que leu pelo menos um livro, impresso ou digital, de forma integral ou em partes, nos últimos três meses. Os não leitores são classificados como quem declarou não ter lido nenhum livro ou parte de livro neste mesmo período. Apesar das múltiplas possibilidades de leitura existentes, o livro é o marcador cultural evidenciado na pesquisa como parâmetro leitor.

O estudo apresentou estatisticamente que 53% do público entrevistado não é considerado leitor; já o público considerado leitor, apresenta um percentual de 47% entre os entrevistados. Nos anos anteriores em que a pesquisa foi realizada este índice se mantinha com a superação de entrevistados leitores acima dos resultados de entrevistados considerados não leitores.

Além de traçar o perfil leitor da população brasileira, o estudo revela desafios relacionados ao acesso da população a espaços públicos de leitura, entre eles as bibliotecas. Os resultados indicam que apenas 14% dos entrevistados utilizam bibliotecas, sejam elas escolares, públicas ou comunitárias, como locais para a realização de suas leituras. Esse dado evidencia a necessidade de ampliar o acesso e fortalecer esses espaços como ambientes de formação leitora. Nesse contexto, a presente



discussão volta-se especificamente para o acesso dos estudantes às bibliotecas escolares e para o papel que esses espaços desempenham na promoção da leitura e da educação.

É fundamental refletir sobre o papel da biblioteca escolar, especialmente por sua presença no cotidiano dos estudantes e por seu potencial de promover o acesso à leitura e a formação de leitores.

Mas por que estudar a biblioteca escolar? Penso que há vários motivos: o primeiro deles é que percebo que há um desconhecimento, uma falta de compreensão do que realmente seja uma biblioteca escolar. Na maioria das escolas, a biblioteca é depósito de livros, lugar de castigo, espaço para guardar equipamentos ou material a ser descartado (Campello, 2024, p. 6).

Mais do que um espaço de armazenamento de livros, a biblioteca escolar deve ser considerada como um ambiente educativo capaz de ampliar o contato dos alunos com a cultura escrita e favorecer o desenvolvimento de práticas leitoras significativas. Assim, a discussão que se segue concentra-se na biblioteca escolar como um espaço privilegiado de acesso à informação, à literatura e à leitura no contexto educacional.

De acordo com a mais recente versão do Manifesto da Biblioteca Escolar, publicada pela Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA) em 2025, a biblioteca escolar é definida como:

Um espaço de aprendizagem físico e digital numa escola pública ou privada do ensino básico ou secundário que responde às necessidades de informação dos seus alunos e às necessidades curriculares dos seus professores e funcionários. Uma biblioteca escolar disponibiliza uma coleção de recursos educativos adequados aos níveis de ensino da escola. (IFLA, 2025, p. 1).

Além da guarda e conservação de materiais impressos e a garantia de um espaço físico adequado, a potência da biblioteca escolar também revela através do discurso de que este ambiente se desdobra como um espaço democrático, emancipatório entre os diferentes saberes e capaz de promover formação múltipla aos estudantes, promovendo acesso a informações de diversas áreas de interesse de estudos, possibilitando conhecer variados gêneros textuais, além do auxílio educacional.

Partindo do conceito citado, é importante ressaltar que o Brasil caminha com a intenção de promover e garantir a existência de bibliotecas escolares nas unidades de ensino do país. A lei 14.837 de 08 de abril de 2024, prevê a universalização das bibliotecas escolares em todo o território brasileiro, além da criação de um Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares (SNBE). Quando falamos em universalização, a



proposta da lei prevê a criação de bibliotecas escolares em todas as escolas brasileiras, definindo-as como: “[...] equipamento cultural obrigatório e necessário ao desenvolvimento do processo educativo [...]” (Brasil, 2024, art. 2º) e a criação do SNBE que deverá integrar sistematicamente esses espaços garantindo liberdade de acesso aos recursos bibliográficos em todo o território nacional.

Analisando esta possibilidade prevista em lei sobre a existência de bibliotecas escolares em todas as escolas brasileiras, nos questionamos sobre a importância (ou não) dada a este espaço nas escolas públicas brasileiras. A questão apresentada como problema de pesquisa dialoga com questões culturais e com a promoção de hábitos de leitura. A oferta e o acesso a bens culturais por crianças de camadas populares é algo a se pontuar neste sentido:

[...] crianças de camadas populares não teriam as condições necessárias à aprendizagem da leitura e da escrita porque vivem em meios pouco letrados, não tem convívio com os livros, seu vocabulário é restrito, falam um dialeto diferente do dialeto de prestígio, que é o que a escola espera delas (Soares, 2020, p. 12).

A possibilidade de estudantes de escolas públicas acessarem espaços culturais, como: bibliotecas, museus, cinemas, teatros e entre outros, por vezes é uma oportunidade ofertada exclusivamente pela escola, sendo assim, esses ambientes não são comuns a estudantes como o Edimilson.

Retornando ao texto da Lei 14837 de 08 de abril de 2024, o equipamento cultural biblioteca também pode ser uma porta de acesso à cultura, leitura e múltiplas possibilidades de letramento, onde o acervo não se limita ao material impresso nem a leituras rígidas impostas como tarefa. Na biblioteca escolar o ambiente deve ser acolhedor e mais do que isso, estimular o estudante a buscar conteúdos e temas que são pertinentes e interessantes para ele. Neste sentido, como o espaço da biblioteca escolar poderia contribuir para o letramento dos estudantes?

A potência da biblioteca não se limita a leituras decodificadas, mas se amplia no movimento que possibilita que as muitas formas de se aprender tenham espaço dentro das escolas. As atividades de leitura podem fazer parte da rotina escolar compondo ações que permitam ao estudante a expansão de seu vocabulário, explorar a imaginação e construir conhecimento e memórias. A riqueza desta biblioteca se encontra nas possibilidades de variados encontros com a leitura, com a cultura e com a mediação



presente neste ambiente onde o conhecimento é preservado materialmente, mas sua principal função é possibilitar o acesso destes conteúdos a todos.

Espaço este onde os saberes devem ser respeitados e a construção do conhecimento como um processo em que cada indivíduo é protagonista em sua jornada do saber e do conhecer. Ao discutirmos esta interação dentro do ambiente da biblioteca evidenciamos que há potencial cultural e social dentro deste espaço e a construção destes saberes poderá contribuir com o desenvolvimento cognitivo e social dos estudantes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos diante do que foi descrito que uma biblioteca escolar ativa tem grande relevância na formação de hábitos leitores, pois neste espaço é possível ter acesso a mediação entre o sujeito leitor, o livro em seus diferentes suportes e as atividades de leitura. Este espaço se configura como um ambiente formativo, social e cultural oportunizado dentro do ambiente escolar atingindo o objetivo de democratização do conhecimento.

A possibilidade de letramento, o qual conceituamos como habilidade de usar a leitura e a escrita como ferramenta para seu uso social, e o acesso a diferentes objetos culturais através do contato com uma boa biblioteca se materializa a partir dos investimentos financeiros realizados neste espaço, em especial nas escolas públicas brasileiras. A biblioteca deve ser atraente, cativante, fazer sentido ao público a qual se destina e ser composta por pessoas com um olhar sensível e aguçado capaz de enxergar o potencial formativo deste espaço, não se limitando a uma organização padronizada, mas compreendendo as necessidades e objetivos do público que atende.

Apesar das leis existentes que dialogam sobre a possível garantia da existência do espaço da biblioteca, há um distanciamento entre o previsto e o que vem sendo realizado nas escolas. Não há, na prática, uma organização planejada para o cumprimento do que está previsto em lei que é a universalização das bibliotecas escolares em todas as unidades de ensino brasileiras. Percebemos que os prazos vão se findando a cada nova atualização das leis e os resultados não se apresentam de maneira real e materializada.



A leitura como um hábito prazeroso, capaz de gerar experiências e memórias e o compartilhamento entre diferentes culturas ainda não é uma realidade comum a todos os estudantes brasileiros. A promoção de bons hábitos leitores depende de uma organização coletiva para que os espaços culturais também sejam vivenciados por pessoas que, por vezes, só tem na escola a possibilidade do conhecer e interagir com o mundo para além da realidade que lhes é imposta.

A biblioteca escolar, por sua vez, deve constituir-se como um espaço pedagógico capaz de oferecer múltiplas possibilidades de leitura aos seus usuários, contribuindo para a formação de um ambiente acolhedor e culturalmente significativo. Nesse contexto, possibilita que aqueles que ainda não se reconhecem como leitores, independentemente dos motivos, compreendam a diversidade de práticas leitoras existentes. Além disso, favorece a percepção de que a leitura não apenas contribui para a formação intelectual, mas também exerce influência direta na constituição humana, social e cidadã dos indivíduos.

Investir no fortalecimento de bibliotecas, em especial nas bibliotecas escolares, reforça um compromisso humanitário com a educação, com a promoção da leitura e acesso à cultura como direitos fundamentais.

REFERÊNCIAS

AVELAR, Michely Gomes; BROSSI, Giuliana Castro. Lendo Games: (multi)letramentos nos anos iniciais. **Papéis: Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Estudos De Linguagens – UFMS**, n. 26, v. 51, 129-145, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/papeis/article/view/18020>. Acesso em: 20 abr. 2025.

BRASIL. Lei nº 14.837, de 8 de abril de 2024. Altera a Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010, que “dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País”, para modificar a definição de biblioteca escolar e criar o Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares (SNBE). **Diário Oficial da União** de 09/04/2024, pág. nº 3, Brasília, 2024. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2023-2026/2024/Lei/L14837.htm. Acesso em: 02 abr. 2025.

CAMPELLO, Bernadete. **A biblioteca como lugar de aprendizagem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2024. 212 p.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução: Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial/Ed. UNESP, 1998.



CHARTIER, Roger. **Livro, mundo digital e leituras**: práticas e apropriações. Diálogos com Andrea Pereira dos Santos e Lígia Maria Dumont. Goiânia: Editora UFG, 2022, 115 p.

CHARTIER, Roger. Ler sem livros. **Linguagem**, v.32, n.1, Número temático. 2019, p. 6-17.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 52. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

IFLA - International Federation Library Associations and Institutions. **Manifesto da Biblioteca escolar IFLA/UNESCO 2025**. Disponível em: <https://repository.ifla.org/items/c9f90a1b-dcb7-4c16-a11c-30b53b7b333d>. Acesso em: 10 abr. 2025.

IPL. Instituto Pró-Livro. **Retratos da leitura no Brasil**: 6ª edição – apresentação dos resultados. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2024. Disponível em: https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2024/11/Apresentac%CC%A7a%CC%83o_Retratos_da_Leitura_2024_13-11_SITE.pdf. Acesso em: 10 abr. 2026.

SOARES, Magda. **Alfabetrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, Magda Becker; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Alfabetização e letramento**: caderno do professor. Disponível em: https://orientaeducacao.wordpress.com/wp-content/uploads/2017/02/col-alf-let-01-alfabetizacao_letramento.pdf. Acesso em: 6 abr. 2025.

